

FRANCISCO DUARTE MALHA COMANDANTE DA FORTALEZA DE SANTA CRUZ DA BARRA DO RIO DE JANEIRO

Waldir da Cunha

Natural do Eixo, Bispado de Coimbra, em Aveiro, era filho de Francisco Duarte. Casado com D. Rita de Menezes, faleceu repentinamente a 15 de fevereiro de 1818, na Fortaleza de Santa Cruz da Barra do Rio de Janeiro. Católico de formação, foi sepultado na Igreja dos Terceiros de São Francisco de Paula.¹

CARREIRA MILITAR

Sediado no Rio de Janeiro, foi Artilheiro na categoria de Sargento Graduado. No exercício da engenharia, foi incumbido da construção de fortificações e levantamentos topográficos. Trabalhou na carta topográfica do sertão de Cantagalo em 1787. Em 1792, o "Almanaque da Cidade do Rio de Janeiro" registrou o seu nome como Artilheiro, 3º na ordem de serviço, morador à rua da Misericórdia. Em 1796, nomeado Capitão, inspecionou as obras da Fortaleza de Santa Cruz, segundo o projeto de Aureliano da Silva Oliveira. Três anos mais tarde, em 1799, exerceu as funções de Governador dos Fortes da Praia de Fora e do Pico.² Segundo informações do Conde dos Arcos – Vice-Rei do Brasil – o Príncipe Regente D. João nomeou-o, em 17 de dezembro de 1806, Coronel Graduado do Real Corpo de Engenheiros, com soldo de Tenente-Coronel.³ Intitulava-se, em 1815, ⁴ Brigadeiro dos reais Exércitos e Comandante da Fortaleza de Santa Cruz da Barra do Rio de Janeiro. Em 6 de fevereiro de 1818, foi promovido a Marechal-de-Campo Graduado.

SERVIÇOS NA FORTALEZA DA BARRA

Enérgico, disciplinado, soube sempre corresponder à confiança que lhe fora depositada. Em 1816, recebendo uma nota de George Betham, sobre a passagem, pela Fortaleza de Santa Cruz, do navio inglês "Benson", respondeu a H. Chamberlain, Cônsul geral e Encarregado de Sua Majestade Britânica, sobre a ausência de instruções do navio, a fim de ser registrado no porto do Rio de Janeiro: "O que agora se pratica, se tem praticado sempre com os da minha Nação desde tempos imemoráveis, e desde que as nações estrangeiras navegam livres para este porto, se pratica com elas o mesmo. Pois se as embarcações do meu Soberano são registradas, e punidos os que as comandam quando neles se encontram faltas, como não serão as de S. M. Britânica? Ou de outro qualquer soberano?" Enfim termina informando que vai deter a embarcação no porto até que haja por bem dispensá-la.⁵

VIDA FAMILIAR

Segundo a leitura da Escritura de filiação passada por Francisco Duarte Malha⁶, sabe-se que gerou 3 filhos naturais, os quais legitimou, para que pudessem suceder em sua herança. Eram eles: Adriano Duarte Malha, filho de Luiza Maria de Jesus, nascido em 1797; Porcino Duarte Malha, nascido em 1801 e Eliziaria Duarte Malha, em 1803, filhos de Ana Joaquina. O zelo pela educação dos filhos é bem marcante: participa ao Príncipe Regente da existência no beco da lapa, de uma crioula ou cabra, de nome Matildes de Jesus, por alcunha "Talaveira"⁷ que repetidas vezes ia ao Seminário de São José seduzir os jovens que lá estudavam, como seu filho Adriano. De tal maneira se tornava flagrante a sedução, que os alunos chegavam a saltar os muros do Seminário, para se lançar aos braços da pervertida. Concluía rogando a expulsão desta mulher da Corte do Rio de Janeiro.

Adriano, seu filho mais velho, servira em Pernambuco, na Divisão dos Voluntários de El-Rei, entre agosto de 1817 e outubro de 1818. Depois da morte do pai, foi nomeado Oficial da Secretaria do Governo da mesma Província.

Encarregou-se da educação de Porcino, de ordem de Sua Majestade, João Batista Soares de Meireles (nascido em 1766), substituto das Cadeiras de Língua Latina da Corte e professor de Gramática Latina do Seminário de São José. Homem bondoso e amigo do Comandante Malha, manteve Porcino em sua própria casa, servindo como pai e educador.

Eleziária viveu em casa de seu tutor, João Mendes Pereira Ramos.

No inventário dos bens de Francisco Duarte Malha, levantado pelo Ajudante da Fortaleza de Santa Cruz da Barra, Bento José da Cunha, consta: "Dinheiro em moeda: 25 peças de seis mil e quatrocentos,

catorze moedas de quatro mil réis. Móveis de Prata e ouro: Um par de fivelas de ouro de sapatos com xarneira de ferro. Dois ditos de prata. Alguns escravos, 89 livros e uma palmatória de latão.”

Instituiu como seus testamenteiros José dos Santos Vieira de Morais, Felipe Antonio Barbosa e João Mendes Ferreira Ramos. Em seu testamento assim se expressou:

EM NOME DE DEUS AMÉN.

Eu, Francisco Duarte malha, achando-me de pé e em meu perfeito juízo, porém temendo a morte, e desejando salvar a minha alma, e deixar arrançados os negócios da vida, ordeno o meu testamento pela forma seguinte. Sou Católico Romano em cuja fé sempre vivi, e nela protesto morrer, e salvar minha alma pelos merecimentos do unigênito filho de Deus. Sou natural da Vila do Eixo, bispado de Coimbra, hoje Aveiro, filho legítimo de Francisco Duarte e de sua mulher Joana já falecida. Fui casado com Rita de Menezes, já falecida de cujo matrimônio não tive filhos, mas no de viúvo tive três filhos por nomes Adriano Duarte Malha, filho de Luiza Maria de Jesus, Porcino e Eleziaria, de Ana Joaquina; aos quais já fiz Escritura de perfiliação, e estou cuidando em confirma-la por sua Alteza Real, e os mesmos meus filhos naturais instituo meus universais herdeiro em todos os meus bens depois de cumpridas as minhas disposições. Instituo por meus testamenteiros em primeiro lugar ao Senhor José dos Santos Vieira de Morais, em segundo lugar ao Senhor Felipe Antonio Barbosa, em terceiro lugar ao Senhor João Mendes Ferreira Ramos, para que na ordem em que vão nomeados, que irão ser meus testamenteiros, benfeitores e administradores dos meus bens, para que os hei por abonados, e para conta lhes deixo todo aquele tempo em que meus filhos tenham de idade vinte e quatro anos, em cuja mostrem capacidade para se regerem para deles os apossarem, entre tanto os instituo seus tutores, e de prêmio a vintena que de direito lhe pertencer; porém se por minha morte Adriano como mais velho, tiver trinta anos de idade será o meu primeiro testamenteiro, tratando e zelando seus irmãos, conforme o exemplo que lhe tenho dado, e com ele, lhes tenho obrado, e se ele se achar ausente a cada um dos outros instituo porém que mostrem capacidade e conduta de o poderem ter, zelando o que pertencerem dos outros, como o seu próprio; se, por desmazelo ou incúria, deixarem perder alguma coisa será obrigado, aquele que tal , a recompensa-lo de que for seu. Cada um dos meus filhos gozará do que eu lhe tiver dado na minha vida, por escrito meu ou ainda sem ele, porém depois conhecida, não só eles porém qualquer outra pessoa ou mãe deles o gozarão livremente. (Sem assinatura, mas reconhecido por tabelião, em 3 de junho de 1818).⁸

Publicado no Mensário do Arquivo Nacional, ano XII, nº 135, março de 1981.

¹ Atestado de óbito passado pelo Cônego da Sé do Rio de Janeiro, Antonio Pedro Teixeira. In Arquivo do Ministério do Império, Documentos, Biográficos, Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos C 142,40.

² Tavares, Aurélio de Lyra – A Engenharia Militar Portuguesa na Construção do Brasil. 1965.

³ Arquivo do Conselho Ultramarino, L. 1, vol. 7º de Decretos, fólio 206, vº Lisboa. Ver Sousa Viterbo, Expedições Científico-Militares enviadas ao Brasil, vol. II. 1964.

⁴ Promoção a 17 de dezembro de 1815.

⁵ Ofício de George Betham, Comandante do navio “Benson”, a Francisco Duarte malha. Rio, 10 out. 1816. Ofício de Francisco Duarte malha ao Cônsul H. Chamberlain, Rio, 16 out. 1816. B. N. – S.Ma. Col. Augusto de Lima: I – 3,17,42 nº 1-2.

⁶ Requerimento do Comandante Malha ao Príncipe Regente solicitando a expulsão da Corte de Matildes de Jesus. B.N. – S.Ma. C. 142, 40.

⁷ Ver tb. Os documentos: BN-S. Ma. C. 690,10 e C 736,33.

⁸ Docs. Do Arquivo do ministério do Império, Docs. Biogr. – BN-S. Ma. C. 142,40 nº 6.